



CHERNOBYL

GREENPEACE-BRASIL

08-09-2005 - São Paulo

Agência Internacional de Energia Atômica reduz número de vítimas de Chernobyl para incentivar uso nuclear

O Greenpeace acusou nesta quinta, dia 8, a Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA, sigla em inglês para International Atomic Energy Agency) de manipular os dados sobre as mortes relacionadas ao acidente nuclear de Chernobyl. Para a organização, a postura da IAEA é parte de uma manobra para incentivar o uso e o desenvolvimento da energia nuclear.

Em conferência no dia 5 de setembro em Viena, a IAEA apresentou relatório afirmando que o número de mortes causadas pela catástrofe nuclear de 26 de abril de 1986 na usina ucraniana de Chernobyl causou 56 mortes diretas (47 funcionários da usina e 9 crianças que morreram de câncer de tireóide). Ainda segundo a agência, cerca de 4 mil pessoas ainda deverão morrer de câncer devido à radiação liberada pelo acidente.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), da ONU, produziu seu próprio relatório afirmando que as mortes poderiam ultrapassar 8 mil se fosse ampliado o campo de pesquisa. A OMS estimou que, entre 76 mil pessoas analisadas, houve 216 mortes até 1998, e não 56.

Ambos os relatórios apresentaram números muito menores do que os cerca de 150 mil divulgados pelo governo ucraniano após a tragédia. Segundo a IAEA, os pesquisadores que estimaram o número de mortos em cerca de dezenas de milhares



CHERNOBYL

exageraram. A agência afirma ainda que muitas enfermidades anteriormente descritas como decorrentes da explosão do reator de Chernobyl não podem ser atribuídas à radiação, sendo simplesmente conseqüência do equivocado e injustificado "estresse e temor irracional".

Tanto a IAEA quanto a OMS não consideraram as 600 mil pessoas expostas diretamente à radioatividade liberada pelo acidente, entre elas 200 mil militares e civis enviados para limpar e reconstruir o local, além de moradores das áreas vizinhas ao acidente. Além disso, não foram analisados os centenas de milhares de europeus expostos a doses menores de radiação em conseqüência da nuvem de contaminação que se espalhou da usina nuclear de Chernobyl para a Europa.

"A IAEA está tentando reduzir os impactos de um dos mais sérios acidentes nucleares da história da humanidade. Trata-se de uma tentativa de minimizar os riscos da energia nuclear para possibilitar a construção de novos reatores", disse Guilherme Leonardi, coordenador da Campanha de Energia do Greenpeace.

Quando questionado sobre as confusas informações apresentadas na conferência, o presidente do Fórum de Chernobyl da IAEA, Burton Bennet, confirmou que "a informação de 4 mil vítimas foi uma estimativa infundada e muito drástica". O relatório da OMS, que contou com sua participação, confirmou que "é improvável que o número real e preciso de mortes causadas por este acidente seja algum dia conhecido".

"Nos aproximamos do aniversário de 20 anos do pior acidente nuclear do mundo e a IAEA assume uma postura de desrespeito



CHERNOBYL

com as vítimas e com a história ao divulgar relatório frágil, omissos e contraditórios. São necessárias soluções concretas para os problemas e enfermidades causados pelo desastre de Chernobyl, além da garantia de que novos acidentes nunca mais ocorrerão, o que somente é possível com o banimento da energia nuclear", afirmou Leonardi.

É evidente que o material apresentado na conferência da IAEA não incluiu todas as comunidades atingidas. O Greenpeace pede que a ONU e a comunidade internacional corrijam com urgência essas omissões e retire da IAEA a responsabilidade por esses estudos em razão do seu claro posicionamento favorável à energia nuclear.

26.04.2005 - São Paulo (SP)

Greenpeace lança relatório sobre os riscos das usinas nucleares

Possibilidade de acidentes como o de Chernobyl são reais em todo o mundo, inclusive em Angra 1 e 2; organização é contra a construção de Angra 3

No dia do 19º aniversário do acidente em Chernobyl (1), onde morreram 30 mil pessoas e três milhões foram atingidas, o Greenpeace lança um relatório sobre o risco das usinas nucleares no mundo, comprovando a deficiência deste tipo de energia. O estudo mostra que devido à idade dos reatores, a falhas já apresentadas e à desregulamentação do mercado, o risco de acidentes nos reatores instalados nos países altamente industrializados (na Europa, América do Norte e Ásia) está maior do que nunca. Um acidente envolvendo estes reatores poderia ser mais severo que o de Chernobyl.



CHERNOBYL

As principais conclusões do relatório apresentado em Viena numa reunião sobre segurança nuclear da Agência de Energia Atômica Internacional (2) são:

- Todos os reatores em operação têm falhas de segurança que não podem ser eliminadas com atualizações tecnológicas no sistema de segurança;
- Um acidente de grande porte num reator de "água leve" (a grande maioria dos reatores em operação no mundo utilizam esta tecnologia) poderia causar um vazamento de radioatividade centenas de vezes maior que o de Chernobyl, resultando em mais de um milhão de mortes por câncer e na remoção de pessoas em grandes áreas (até 100.000 km²);
- A idade média mundial dos reatores está em 21 anos e muitos países estão planejando estender o tempo de vida de seus equipamentos além do projetado originalmente. Esta prática poderá levar à degradação de componentes críticos e a um aumento nos incidentes de operação, podendo culminar num grave acidente;
- A desregulamentação (liberalização) do mercado de eletricidade pressionou os operadores de usinas nucleares a diminuir seus investimentos na área de segurança e a operar seus reatores com maior temperatura e pressão, acelerando o envelhecimento do reator e diminuindo as margens de segurança operacional;
- Os reatores nucleares não podem ser suficientemente protegidos contra um ataque nuclear;



CHERNOBYL

- Os efeitos das mudanças climáticas, como inundações, elevação do nível do mar e secas extremas, aumentam seriamente o risco de um acidente nuclear.

“A indústria nuclear está fazendo uma forte campanha para promover a energia nuclear e acobertar sua verdadeira crise. Hoje há poucos reatores em construção, o custo de geração de energia é elevadíssimo, não existe solução para o lixo nuclear e os reatores atualmente instalados estão chegando ao fim de sua vida útil”, diz Dialetachi. O Greenpeace exige a eliminação da energia nuclear como a única medida eficiente para reduzir seus riscos. A solução está na geração de energia por fontes alternativas (eólica, solar, pequenas hidroelétricas e biomassa) e o uso eficiente da energia gerada.

Angra 3

Apesar do adiamento da construção de Angra 3 por cinco anos ter sido discutido na reunião do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), realizada no dia 13 de abril, ainda há muitos integrantes do governo Lula defendendo o projeto com unhas e dentes. É o caso do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, e do ministro de Ciência e Tecnologia, Eduardo Campos. Para o Greenpeace, a retomada do programa nuclear brasileiro representaria um retrocesso, já que diversos países – como Alemanha, Espanha e Suécia – estão repensando suas políticas energéticas, apostando em fontes renováveis de energia.

“Investir numa usina nuclear no Brasil vai na contramão do bom senso e uso apropriado de recursos públicos. Usinas nucleares são inseguras, caras, ultrapassadas e sujas. Juntas, Angra 1 e 2 são incapazes de produzir mais do que 2% da eletricidade



CHERNOBYL

gerada no Brasil”, afirma Sérgio Dialetachi, coordenador da campanha antinuclear do Greenpeace.

PARTICIPAÇÃO

O Greenpeace divulgou nesta terça-feira uma carta (3), informando a população sobre os enormes riscos e desvantagens que a construção de Angra 3 traria ao País. A organização convida a população a participar de uma ação de protesto via internet, na qual é possível enviar ao presidente Lula uma mensagem com a pergunta: "Angra 3: Lula, será esse o seu legado?". A mensagem também exige do presidente o fim da aventura nuclear brasileira e a realocação desse investimento em projetos socioambientais, muito mais urgentes do que, por exemplo, a construção de um submarino nuclear.

NOTAS

(1) O reator 4 da usina de Chernobyl, na Ucrânia, explodiu no dia 26 de abril de 1986 e matou cerca de 30 mil pessoas. Mais de 3 milhões de pessoas sofrem com os efeitos do acidente. A radiação varreu tudo e 140 mil quilômetros de área ao redor da cidade ficarão inutilizados por centenas de anos. Dados da ONU estimam que cerca de 6 milhões de pessoas ainda vivam em áreas contaminadas. A comissão de segurança radioativa do governo ucraniano alertou em 2002 que os níveis de radiação em Chernobyl continuam aumentando e é alto o risco de vazamentos no sarcófago de concreto que envolve o reator nuclear e toneladas de combustível radioativo que permaneceram lá.